

795

A MULHER NA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

Panorama das análises sociológicas feitas no Brasil, até 1974, a respeito da mulher brasileira e síntese de um estudo de caso sobre a profissionalização das religiosas.

Maria Thereza Caiuby Crescenti

1. O problema feminino na Sociologia

O tratamento do tema feminino dentro da Sociologia pertence, em grande parte, ao campo da organização social. O sexo, como um dos fatores desta organização, permite observar uma grande diferença de comportamentos, segundo a diversificação de meios culturais. "Em cada sociedade a situação específica e o papel do homem e da mulher tendem a ser definidos e impostos pelas definições religiosas, provérbios populares e outros recursos explícitos" (1) Na Bahia, por exemplo, a tradição do candomblé atribuiu somente às mulheres a aptidão, em razão de seu sexo, para tratar as divindades, enquanto os homens apenas se tornam sacerdotes à razão de um para cinquenta sacerdotizas (2).

Dentro da organização social é relevante a atenção que tem merecido, por parte dos sociólogos, a questão da divisão do trabalho entre os sexos. A sociologia da mulher, em grande parte, está voltada para este problema (3) numa tentativa de perceber a situação feminina dentro de um quadro de referência ocupacional. A este respeito destacam-se fora do Brasil, trabalhos de rara qualidade como o de Olive

Schreiner, Viola Klein, Chombart de Lauwe e Maria del Carmen Elu de Lenëro.

Olive Schreiner, vivendo nos fins do século passado, na África do Sul, filha de um missionário alemão, entre outras obras deixou "Woman and Labour", (4) na qual analisa a situação feminina através da história. Tais formas variaram segundo as descobertas e os graus de modernização da técnica. Sua percepção do problema é bastante aguda e de uma alta visão intelectual (é preciso lembrar que seu livro foi editado em 1911 e escrito na África). Pode ser tida não só como uma pioneira mas como verdadeira portadora de previsões no estudo que elaborou.

Viola Klein, na Inglaterra (1944), em sua tese de doutorado cujo tema versa sobre a mulher (5), utilizando-se da investigação integradora de Karl Mannheim, apresenta um esboço histórico da maior importância em que o papel da mulher é visto em estreita ligação com o trabalho feminino, afirmando ser necessário desfazer a idéia de que antigamente as mulheres eram excluídas da vida econômica da sociedade.

A pesquisa internacional dirigida por Chombart de Lauwe (6) é uma importante contribuição à percepção do trabalho da mulher o qual é, hoje, uma questão muito complexa e só pode ser compreendida à luz do processo de desenvolvimento que afeta cada sociedade. Examina o referido autor a imagem que os homens e as mulheres têm, em diversas regiões do mundo como França, Polônia, Marrocos, Canadá, Costa do Marfim, Togo, Áustria e Iugoslávia, a respeito do papel feminino, em função de sua cultura, das transformações sociais que se operam, das novas correntes de pensamento que aparecem, da posição social que ocupam e da própria experiência.

O estudo de Maria Del Carmen Lenëro (7), baseado numa pesquisa nacional realizada no México (1966-1967) sobre as famílias mexicanas, aborda o novo papel que a mulher vem assumindo na sociedade, focalizando aspectos da tomada de consciência deste mesmo papel quanto à educação, ao trabalho e à vida em família.

Os trabalhos acima apresentados constituem uma pequena amostra do interesse com que a Sociologia vem se dedicando ao tratamento da condição da mulher na sociedade, interesse este que permitiu o aparecimento da sociologia da mulher, como um campo especial da ciência e no qual destacam-se, a seguir, algumas contribuições de análises brasileiras.

2. A mulher na perspectiva sociológica brasileira

O pensamento sociológico no Brasil, a respeito da mulher, tem um precedente extremamente curioso e pouco conhecido. Este mesmo pensamento, na fase inicial da Sociologia Brasileira, desde a segunda metade do século passado até 1928 (8), apresenta-se como um cunho mais literário e histórico do que propriamente sociológico. E então que aparece a obra bio-social de Lívio de Castro, prefaciada por Sílvio Romero, "A mulher e a Sociogenia" (9). Trata-se de obra póstuma de um médico formado em 1889, no Rio de Janeiro e morto em plena juventude. O tema central da obra aborda a posição da mulher na sociedade, relacionada com seu condicionamento bio-psicológico. O autor demonstra, em suas quatrocentas páginas, a inferioridade social da mulher e as consequências deste fenômeno para a sociedade. Acredita, no entanto, que a mulher, através da educação, possa evoluir, o que é sumamente desejável para todos. Um trecho apenas da referida obra servirá para mostrar a colocação do problema, feita pelo autor: "O cérebro da mulher contemporânea difere

tanto do cérebro do homem da mesma época e raça, como um cérebro australiano. A diferença entre a média cerebral da mulher e o cérebro mais desenvolvido da espécie é maior que a diferença entre a média cerebral do gorila e os cérebros menos desenvolvidos da espécie humana. Há, no que diz respeito à vida mental dos sexos, uma diferença de raça em vias de se tornar diferença específica. Isto quer dizer que a mulher é tão alheia ao progresso da civilização atual como o australiano. Pois bem. Confie-se a educação da infância atual ao australiano, confiem-se a ele esses progressos incompatíveis com o seu cérebro, confie-se a ele esse tesouro de idéias maiores que o cérebro que se deve conter, mande-se ao australiano preparar um espírito destinado para as lutas mentais da vida hodierna, para o cultivo das ciências e dos métodos novos, votados à compreensão filosófica do universo, à soberania da série animada, à posse e governo da natureza terrestre, ao domínio do espaço e do tempo, encarregue-se o australiano se se deseja encarregar a mulher porque o resultado será o mesmo. A mulher atual so não é o australiano no sexo" (10).

Semelhantes idéias ganham maior relevo quando se verifica no prefácio de Sivio Romero que este pensador endossa, de um modo geral, o pensamento de Lívio de Castro, o qual, em grande parte, já andava a correr mundo, citado nas teses de pelo menos quatro médicos contemporâneos.

Estes comentários não pretendem ser uma nota de cunho pitoresco mas chamar a atenção para o violento contraste entre os pontos de vista de uma época não tão distante até hoje, quando o papel da mulher na sociedade passa por sensíveis mudanças e tem, em 1975, a força suficiente para ser proclamado como objeto de interesse mundial com a proclamação do "Ano Internacional da Mulher".

Os dados ora apresentados, para compor o panorama da análise sociológica brasileira a respeito da mulher, são, em primeiro lugar, uma síntese bibliográfica dos estudos referente a questão. A seguir, alguns dos principais pontos de recente simpósio realizado em São Paulo, cujo tema central foi também a mulher. Numa terceira parte é mostrada a condensação de um estudo de caso, "A profissionalização da Religiosa", tese de mestrado em Ciências Sociais de Maria Thereza Caiuby Crescenti, sócia do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU).

A bibliografia sociológica sobre o tema "Mulher na sociedade", da autoria de Eva Alterman Blay, foi elaborada para o Encontro Internacional de Estudos Brasileiros, patrocinado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, de 13 a 25 de setembro de 1971. Este trabalho integra um conjunto de outros estudos congêneres, abrangendo diversos temas, coordenados pela profa. Dra. Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Segundo a autora, há uma grande dispersão de trabalhos que focalizam a condição feminina na sociedade brasileira, o que impede um desenvolvimento sistemático do tema. Além disso, a bibliografia sociológica leva em consideração estudos feitos por outras ciências as quais elaboram dados fundamentais à compreensão do problema tais como a legislação que disciplina o direito da mulher, dados demográficos sobre a fertilidade, nupcialidade a aborto. Dentro do enfoque propriamente sociológico há poucos ensaios e pesquisas nas áreas de Educação e do Trabalho que tratam direta e indiretamente da mulher. Entre estes últimos destacam-se os relatos dos viajantes estrangeiros os quais realçam a posição servil da mulher com relação aos homens. Também nos estudos de comunidade em que se investiga a posição social dos dois sexos dentro da família e da própria comunidade, percebe-se a posição subalterna

da mulher. Outro tipo de estudos consiste numa visão generalizadora, abrangendo todo o Brasil numa tentativa de elaborar análises da estrutura da família e da posição da mulher. Os dois tipos de ensaios tratam das áreas urbanas quanto das rurais conjuntamente. Apenas nos últimos anos aparecem trabalhos apoiados em pesquisas específicas de cada área.

Quanto aos estudos que focalizam diretamente a mulher encontram-se, como se afirmou anteriormente, abordagem de outras ciências as quais fornecem subsídios às explicitações sociológicas. Na área da sociologia, propriamente dita, além dos trabalhos sobre a atividade reprodutora da mulher, duas grandes áreas têm sido estudadas: a educação e o trabalho. A sociologia educacional tem observado a diferença de comportamento entre os sexos quanto às aspirações profissionais e à sociologia do trabalho, apresentando maior quantidade de estudos, dispersa-se pelas seguintes áreas: trabalho pré-industrial, magistério, letra e teatro, indústria, aspirações profissionais, estudos gerais e ideologia do trabalho feminino.

Procurando abranger a sociedade brasileira como um todo, destacam-se ainda alguns poucos trabalhos que se referem à mulher e sua posição social.

Depois destes aspectos bibliográficos é importante destacar a realização do Simpósio sobre "A condição feminina no Brasil: problemas atuais", promovido na área de Sociologia da XXIV Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em julho de 1972 na capital paulista (11).

Foram apresentadas então cinco comunicações, que procuram abordar a questão feminina em seus aspectos gerais, no tocante à profissionalização do trabalho, à participação na política e às

perspectivas psicodinâmicas da feminilidade. A consideração dos aspectos gerais do problema foi apresentada por Heleieth Saffiotti a qual centrou sua análise na consideração do papel da mulher dentro do sistema capitalista de classes, destacando o caso dos Estados Unidos como uma sociedade capitalista central e o caso do Brasil, sociedade capitalista "periférica". Utilizando uma abordagem marxista para o enfoque do problema, a autora examinou a participação da mulher na vida econômica da sociedade.

Ricardo da Costa Rabello detém-se nos aspectos do trabalho feminino fora do lar e repercussão sócio-psicológica deste mesmo trabalho. Sua área de estudo é a cidade do Recife em que observou os aspectos da formação profissional feminina, do tempo de serviço e níveis de salários, horário de trabalho e tipo de atividade, natureza do cargo e dependência funcional, previdência social e sindicalização.

O estudo de Eva Alterman Blay sobre o "Trabalho Feminino" trata da mulher e o mercado de trabalho quer numa perspectiva mais geral, quer no caso brasileiro. A autora examina principalmente uma das consequências de crescimento populacional brasileiro, da oferta da força de trabalho e da rigidez da estrutura de emprego, qual seja a imposição de critério seletivo sobre qual deve ser a parcela da força de trabalho a ser mobilizada. Tomando a indústria paulista para o exame concreto desse problema, a análise sociológica realizada verifica que a industrialização, particularmente a brasileira, utiliza o trabalho da mulher em tarefas tradicionalmente femininas.

Quanto à participação da mulher na política brasileira Morris J. Blacjman examina a evolução do problema desde o século passado até nossos dias apoiando-se, em grande parte, na abordagem his

tórica onde verifica a constante de que a política não é considerada desejável para a mulher, conclusão a que chega o autor também pelo exame de várias pesquisas realizadas em alguns pontos do país. Este trabalho é acrescido de uma anexo bibliográfico sobre o problema feminino na sociedade.

O trabalho de Cyro Martins, finalmente, apresentando "Perspectivas psicodinâmicas atuais da feminilidade" procurou atualizar os conhecimentos psicodinâmicos da problemática feminina. O autor abordou aspectos pouco vulgarizados de psicologia profunda, considerados pela psicanálise como sendo de maior influência para o desempenho salutar da mulher no exercício específico de sua feminilidade.

3. A profissionalização da Religiosa

A primeira etapa da exploração do tema acima, foi realizada no Rio de Janeiro, nos anos de 1968-1969, como uma das pesquisas do Plano de Pastoral de Conjunto da CNBB (1966-1970). Da autoria de Maria Thereza Caiuby Crescenti, foi orientada pelo sociólogo Carlos Alberto de Medina e tentou uma primeira aproximação de um problema bastante concreto, qual seja o das atividades das Religiosas e seu significado no campo profissional. Para tanto prestaram informações cerca de 10% das Religiosas de vida ativa da cidade, compondo uma amostra de todo o efetivo de Religiosas desse mesmo tipo. Mais tarde, nos anos de 1970 e 1971 repetiu-se o estudo do Rio de Janeiro, na capital paulista, segundo os mesmos critérios de amostragem e de pontos abordados junto às Religiosas. Este segundo estudo foi orientado pela Profª Drª Maria Isaura Pereira de Queiroz, da Universidade de São Paulo e constituiu tese de mestrado do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma Universidade.

Não cabe aqui apresentar todos os aspectos observados nos dois estudos mas tecer algumas considerações sobre os principais objetivos e conclusões de ambos os trabalhos.

O ponto central investigado foi o das atividades das Religiosas em relação ao problema profissional da mulher de hoje avaliar até que ponto essas mesmas atividades aproximam-se ou não de uma profissão. Em outras palavras, os estudos se propuseram a examinar a inserção da Religiosa na sociedade, através de uma atividade profissional. Para tanto foram observadas algumas questões referentes ao período anterior à entrada na vida religiosa como a origem sócio-econômica e geográfica das candidatas, seu grau de escolarização, a experiência profissional até então adquirida, os motivos que levam à procura da Congregação em que se ingressaram. Estes dados foram confrontados com o período subsequente à entrada na vida religiosa o que tornou possível avaliar as alterações da escolarização e da experiência profissional. O exame deste último período ofereceu um quadro bastante claro das condições nas quais as Religiosas desempenham suas atividades como, por exemplo, o grau de participação na escolha das atividades e os requisitos de escolarização para o desempenho dessas mesmas atividades. Foram levadas em consideração, na interpretação das informações obtidas, o tempo da vida religiosa das informantes, segundo o período de entrada na vida religiosa: muito antes do Concílio Ecumênico, antes durante e depois do mesmo

A análise feita em São Paulo pressupõe alguns dados do estudo realizado no Rio de Janeiro, como sejam:

1- ausência de percepção da atividade profissional como meio de inserção na sociedade, o que foi reconhecido apenas por 4,8% das razões apresen-

tadas pelas informantes quanto à compatibilidade entre a vida religiosa e vida profissional;

2- ausência quase total de remuneração, pois apenas 19% a recebem, pelos trabalhos exercidos, apesar de 70% das informantes acharem que exercem uma profissão. Estes dados colocam o exercício de atividades religiosas num quadro totalmente diverso da condição geral da mulher que trabalha na sociedade atual;

3- ausência de experiência profissional anterior à entrada na vida religiosa (52,7% dos casos) e falta de preparo suficiente para assumir, logo após a entrada na Congregação, tarefas mais qualificadas, pois 44,4% entraram para a vida religiosa com nível primário de escolaridade;

4- tipo de participação na escolha da atividade profissional concentrada mais nas mãos das autoridades religiosas que na vocação ou desejo da própria candidata a determinados trabalhos (entre as que informaram sobre o assunto 67,5% nunca foram consultadas ao assumir os trabalhos);

5- preparação profissional voltada acen-tuadamente para as necessidades institucionais e não para as exigências de ordem pessoal (58,3% dos cursos preferidos pelas candidatas à vida religiosa, no momento de entrar na Congregação não foram realizados);

6- possíveis dificuldades advindas da adaptação aos grandes centros (78,3% das informantes são nascidas no interior).

Os dados acima deram margem para que se levantasse a hipótese de se encontrar em São Paulo um maior grau de profissionalização da Religiosa, uma vez que nesta capital a industrialização é mais in-

tensa. No entanto os principais dados aí encontrados assemelham-se em muito aos do Rio de Janeiro:

1- apenas 2,2% das informantes percebem a atividade profissional como um meio de inserção na sociedade, ao serem inquiridas sobre a possibilidade de compatibilizar vida religiosa e vida profissional;

2- 19,9% das Religiosas recebem uma remuneração pelas atividades realizadas. No entanto, 65,8% acham que exercem uma profissão;

3- ausência de experiência profissional antes da vida religiosa por parte de 68,6% das informantes. 48,8% do total da amostra tinham apenas nível primário de escolarização ao entrar na vida religiosa;

4- a participação na escolha da atividade profissional está mais nas mãos das autoridades religiosas que na vocação da candidata ao trabalho. 55,9% das Religiosas nunca foram consultadas sobre as atividades que assumiram;

5- 51% dos cursos preferidos pelas candidatas à vida religiosa não foram realizados durante a mesma;

6- percebe-se a possibilidade de dificuldades de adaptação aos grandes centros uma vez que 91,1% das informantes brasileiras provêm do interior.

O exame dos dados das duas capitais permite uma série de reflexões abrangendo três pontos principais. Em primeiro lugar faz-se mister verificar se as atividades especializadas das religiosas, em São Paulo, estarão ou não adquirindo um caráter de profissionalização. A seguir, até que ponto estas atividades se aproximam ou não do exercício profissional da mulher de hoje. Finalmente, restará examinar a hipótese de se encontrar em São Paulo maior adaptação da Religiosa à vida moderna, por se tra-

tar de uma área mais industrializada do que a do Rio de Janeiro.

Em relação ao primeiro ponto, nota-se que há um descompasso no ritmo de profissionalização. A tentando-se para os aspectos principais da definição de profissão, adotada neste estudo (12), observa-se que, enquanto se procura uma especialização, através da escolaridade, praticamente inexistente, ao nível pessoal, o fator remuneração no exercício das atividades das Religiosas. Isto impede a afirmação de que estejam adquirindo um caráter profissional, no sentido completo da definição adotada.

A situação acima tem uma explicação à luz dos dados analisados e suas implicações na sociedade global. O que estaria impedindo maiores aberturas à profissionalização das Religiosas? Por que estas enfatizam mais o lado da especialização e não o da remuneração?

Olhando-se para a origem do quadro sócio-econômico da amostra apresentam-se, de imediato, algumas explicações. A baixa escolarização com que seus elementos entraram na vida religiosa ocasionou um esforço muito grande na conquista de um nível razoável para as exigências das obras mantidas pelas congregações. Este esforço nem sempre foi acompanhado pelo atendimento de aspirações pessoais em relação aos estudos mas preocupou-se, prioritariamente com o preenchimento de pessoal capacitado para os quadros das instituições mantidas. No entanto, a escolarização pode ter sido também um alvo de promoção social para elementos das camadas médias e inferiores de que o grupo se compõe na maioria. Realmente, notou-se haver uma escolha pouco conscientizada das Congregações em que ingressaram. Suas finalidades foram desconhecidas de grande parte das informantes enquanto os motivos que levaram a escolher determinada Congregação praticamente deixaram de

lado suas atividades específicas. Parece que o lado do religioso, em si mesmo, as tenha atraído, com todas as suas chances de segurança e elevação social. Aliás, num meio menos favorecido e pouco industrializado como é o interior dos Estados de que vêm as informantes, a vida religiosa e o casamento parecem ser os únicos canais de mobilidade para a mulher.

Quanto ao baixo índice de remuneração encontrado atualmente, no quadro geral de atividades exercidas pelas Religiosas, há também uma implicação com a qualidade do "material humano" da amostra analisada.

A adoção de uma forma pessoalmente remunerada pelo trabalho dos religiosos é um dado de modernização recentemente indicado pela Igreja como meio de maior inserção do religioso no mundo, como se viu pelas conclusões de Medellín (13). As barreiras para a implantação dessa nova modalidade de trabalho encontram-se quer ao nível das Congregações quanto ao da sociedade global. Ao nível das Congregações vê-se que a percepção da profissão para a grande maioria é desvinculada do fator remuneração, aproximando-se portanto da forma com que era vista desde o século passado, o que se pode apreciar melhor através do depoimento do Dr. Ricardo Gumbleton Duant, Inspetor do Distrito de Itú, referindo-se à Irmã Vicência da Apresentação que durante muitos anos foi professora do Seminário de Educandas daquela cidade, elogiando sua "suficiente aptidão e procedimento exemplaríssimos" e isto porque "ensina por vocação, não recebendo outro salário senão a sua modesta e parca alimentação" (14).

Esta visão do exercício profissional, impregnada de tradicionalismo, encarando a profissão como um exercício altruísta de atividades, corresponde ao que se esperava realmente encontrar no grupo, dada a sua caracterização sócio-econômica, o

que se verificou claramente na análise dos dados. O quadro provinciano de origem local, para a maioria; o encontro com uma estruturas autoritária onde as decisões estão mais concentradas na direção que nos elementos de base; a verificação de que a maioria dos elementos recebeu sua primeira formação nas faixas de tempo anteriores ao Concílio, são elementos suficientes para se esperar uma atitude de maior conformismo e tradição do que a aceitação das recentes inovações trazidas do Concílio Ecumênico.

A complexidade do problema que se examina não se deve somente ao momento de transição em que a Igreja vive mas, dentro desse momento, à diferença de ritmo entre várias Congregações Religiosas ao aceitar e interpretar uma forma de vida renovada e à diversificação entre as finalidades e as tradições de cada uma delas. Enquanto, por exemplo, somente agora alguns Institutos Religiosos introduziram em suas Constituições, normas que deixam em aberto maiores possibilidades de profissionalização, encontram-se outras como "Les petites soeurs de Jesus", que desde o início admitem como uso corrente o trabalho profissional. No capítulo II de suas constituições, entre os artigos concernentes a esse respeito, lê-se: "Elas vão simplesmente à fábrica ou à oficina porque são realmente pobres e querem ser operárias para compartilhar dos trabalhos dos cuidados e dos sofrimentos dos operários bem como de suas alegrias e de seu ardor por ganhar duramente - como Jesus operário, na sua pobre oficina de Nazaré, dia a dia, o pão cotidiano" (15). A Congregação, pelas próprias Constituições, não pode aceitar nem dotes de seus membros, nem viver de rendas mas deve manter-se com os trabalhos remunerados das Irmãs.

No Brasil, foram iniciadas experiências de novas formas de vida comunitária religiosa em que alguns membros já contribuem com um salário. Se

gundo os estudos de Sebastiana de Brito, são 134 esses pequenos núcleos espalhados por todo o país.

As barreiras para um rápido desenvolvimento em vista a novas formas de trabalho, acham-se também ao nível da sociedade global em suas estruturas tradicionais. Nesse sentido, é preciso lembrar que as expectativas aí reinantes acerca das atividades profissionais dos Religiosos são ainda de altruísmo, como se depreende da Consolidação das Leis do Trabalho, nas quais se encara o labor do Religioso como uma exceção, ao lado dos demais funcionários de um estabelecimento hospitalar ou fisioterápico. Há todo um problema de imagens ao nível da Congregação e ao nível da sociedade global, imagens que atingem os Religiosos, atuando como impecilhos à sua atividade ligada à remuneração. Ora, isto acontece numa cidade em que a profissionalização está solidamente implantada, para homens, e cada vez é mais exigida para a mulher.

No problema da remuneração, provavelmente, as resistências das Congregações são maiores do que as da sociedade global. Efetivamente, está é uma sociedade capitalista, de consumo, na qual o salário representa não apenas subsistência e sim ascensão social e satisfação de prestígio. Será mais difícil às Congregações a aceitação do salário como elemento indispensável de profissionalização, justamente porque o salário se associa àqueles aspectos mais profanos. É aqui que se coloca, talvez, a maior disparidade entre as Congregações e a sociedade global - o que é reforçado pelo fato desta sociedade global encarar o trabalho dos Religiosos como "altruísmo".

Examinado-se agora, os pontos em que as atividades das Religiosas se aproximam ou não do exercício profissional da mulher de hoje, podem ser indicados alguns elementos comuns e outros de pro-

funda diferença entre tais comportamentos.

Iniciando-se por estes últimos, ve-se que pela própria definição da figura central da pesquisa, a Religiosa tem em alguns aspectos, um modo de ser diferentes das outras mulheres. O próprio engajamento numa instituição em que há um regulamento específico a controlar os hábitos externos e a propor valores, faz com que seus membros adquiram um modo de ser peculiar. É evidente que, nos últimos anos tem havido certa modificação no aspecto exterior, com que as Religiosas se distinguem das demais mulheres, sobretudo na questão do vestuário. No entanto, convém lembrar que a maioria da amostra examinada foi formada nos antigos padrões regulamentares em que as diferenças eram muito mais sensíveis. Apenas como uma ilustração, leia-se o seguinte decreto, extremamente significativo, sobre as alterações de modo de agir das Religiosas, pelo qual se entrevê a existência de um mundo a parte, no meio da sociedade atual. Data de 4 de junho de 1970 o seguinte decreto da Sagrada Congregação dos Religiosos (18): "Suspende-se a prescrição do canon 607, segundo o qual as Superiores e os Ordinários locais devem vigiar atentamente para que as Religiosas não saiam sozinhas de casa, exceto em casos de necessidade, permanecendo firme a obrigação de zelar para que não se originem inconvenientes".

Tal exemplo, focalizando melhor a vigência de um quadro específico para a Religiosa, tem por fim mostrar que sua inserção em dois níveis distintos, quais sejam a própria Congregação e a sociedade global, trazem consequências significativas na sua maneira de ser e ajuda, na compreensão dos pontos comuns das discrepâncias havidas nesta dupla inserção.

Sendo o centro de interesse deste estudo

a profissionalização, veja-se qual a diferença maior que parece existir entre a mulher que trabalha e a Religiosa. Pelos dados examinados o fator remuneração traz, imediatamente, uma distinção muito nítida entre ambas.

O fato de apenas 7,3% do total da amostra receberem uma remuneração que o exercício da atividade, para grande maioria, mesmo que idêntico a mulher da sociedade, esteja colocado em condições extremamente diferentes do quadro da sociedade atual.

A privação do salário retira a dimensão econômica do desempenho de uma atividade, para a pessoa que exerce, e a priva de uma conscientização em termos de subsistência. Em outras palavras, afasta a Religiosa da preocupação da luta pela vida, no mesmo sentido da luta enfrentada pelas mulheres, na sociedade global. Não se quer aqui discutir os motivos que levam a uma tal situação. Certamente serão valores internalizados pelo grupo, em direção a uma ordem religiosa de considerações. O que se examina é outro problema, isto é, a semelhança ou a diferença de tais atitudes com as comuns no mundo feminino. Os dados desta análise fazem crer que a diferença provocada pelo fator remuneração não é apenas de ordem psicológica mas de ordem sociológica pois a própria atividade exercida não tem um sentido de profissionalização se não for acompanhada do sentido econômico, de acordo com o que se definiu como profissão.

Outro ponto de diferença no problema que se examina é o da visão da atividade profissional. Embora sem dados de alguma pesquisa sobre a visão da mulher de hoje o exercício profissional, pode-se acreditar que, entre a imagem apresentada pela Religiosa, em que predominam os aspectos de altruísmo e religiosidade, e a imagem apontada pelas outras mulheres, em que outros aspectos seriam ressaltados haja sensível discrepância, dados os distintos valores internalizados pela sociedade em geral, e pelo

pequeno grupo de Religiosas.

Os estudos de Eva Alterman (19) e Manuel Tosta Berlinck (20), realizados precisamente na mesma área geográfica da capital paulista, abordando de maneira diversa o problema da profissão feminina, oferecem alguns pontos indispensáveis à comparação que se pretende aqui esboçar.

Através dos dados encontrados nestes dois trabalhos, foi possível estabelecer alguns pontos de contacto com a situação da Religiosa na profissão e que constituem obstáculos muito semelhantes interferindo no problema de sua profissionalização.

Em primeiro lugar, as decisões sobre as atividades a serem exercidas pelas mulheres parecem sofrer cerceamento por parte dos homens. O que se disse sobre a tomada de decisões quanto as atividades das Religiosas, mostrando que parecem ser mais impostas que escolhidas pelas interessadas, em contra eco nas verificações de Berlinck que afirma em suas conclusões finais (21):

"A não participação da mulher no sistema de produção depende de sua decisão e mais das orientações valorativas e das percepções dos homens que ainda atribuem e controlam muitos dos papéis desempenhados pelos indivíduos do sexo feminino".

É interessante observar que, no México, segundo Maria del Carmen Blu Leñero (22), a decisão sobre o trabalho feminino depende do homem, na opinião de 57,0% das mulheres entrevistadas e de 74,4% dos homens que também responderam às mesmas questões, na pesquisa nacional levada a efeito pelo Instituto Mexicano de Estudos Sociais em 1968, sobre questões de família

O segundo ponto de contacto entre a Reli-

giosa e as demais mulheres, no exercício profissional, refere-se à especialização. Embora se tenha um preparo à altura das tarefas assumidas, o quadro geral das atuais atividades das Religiosas é restrito e não apresenta novas frentes de especialização segundo as exigências dos novos tempos sendo mais concentrada em torno do magistério e da enfermagem, tarefas que normalmente compõem o quadro mais tradicional do trabalho feminino. Também no campo da especialização, a pesquisa de Eva Alterman Blay revela pouca abertura para as novas exigências da industrialização em relação à mulher. Os dados de sua pesquisa sobre o Ginásio Industrial na cidade de São Paulo vêm mostrar que, se houve uma tentativa por parte dos legisladores, afim de transformar as Escolas Profissionais Femininas e Masculinas em centros de melhor preparação tecnológica ao mercado de trabalho atual, por outro lado, as leis e regulamentos formulados não corresponderam às mesmas expectativas. Os enunciados destas leis e regulamento foram vagos e ambíguos, permitindo distorções na sua execução.

Outro ponto de aproximação entre a Religiosa e a mulher da sociedade atual parece estar ligado às barreiras ideológicas referentes à profissionalização da mulher. Anteriormente foi vista a existência de uma imagem na sociedade global a respeito do trabalho remunerado das Religiosas. Se esta imagem atingia somente a elas, colocando-as numa posição diferente das demais mulheres, também estas são alvos de outras imagens que freiam sua expansão profissional segundo os estudos de Berlinck e Eva Alterman Blay. As conclusões de Berlinck "sugerem que a aceleração do processo de integração da mulher no sistema de produção da sociedade brasileira dependerá não somente do desenvolvimento econômico, mas também das orientações valorativas para a mudança e das percepções dos indivíduos sobre o papel ocupacional da mulher" (23). Eva Alterman Blay verificou

que, a aceitação de uma imagem feminina tradicional foi um dos elementos a limitar mudanças que se tinham em mira no ensino industrial. No entanto, observa a autora, a força dessa imagem tradicional persiste também em países desenvolvidos como a França em que, segundo os estudos de Madeleine Guilbert, verifica-se, ao lado de elevada participação de mão de obra feminina no mercado de trabalho, a persistência de imagens sobre os papéis ideais para a mulher, que determinam as formas de se institucionalizar a profissão.

Tanto o trabalho de Eva Alterman Blay quanto o de Manuel Berlinck salientam a importância da imagem existente sobre o trabalho feminino como motor ou freio de suas transformações, imagens estas que, segundo Chombart de Lauwe estão relacionadas com modelos herdados da tradição, importados de outras culturas ou elaborados num novo contexto, mas com um conteúdo coletivo e uma força ativa que variam conforme os níveis sociais, a época e as personalidades.

Viola Klein também chama a atenção para tais imagens ou ideologias, após examinar as transformações no trabalho feminino através dos tempos (24).

No entanto, este último ponto de aproximação entre a mulher da sociedade atual e a Religiosa faz com que se perceba uma acentuação na barreira ideológica em relação ao trabalho desta última. Ela recebe os impactos que a sociedade global lhe impões por ser Religiosa, mas também não escapa das outras imagens acima mencionadas, por pertencer ao mundo feminino. Ela precisará, portanto, ser capaz de romper com as resistências mais acentuadas que o comum das mulheres.

Quanto à hipótese de que se esperava encontrar em São Paulo maior adaptação das ativida-

des profissionais das Religiosas no mundo moderno, do que a encontrada no Rio de Janeiro, por ser uma área de maior industrialização, apresentam-se as seguintes considerações:

- A constituição da amostra analisada nos dois lugares apresenta profundas semelhanças quanto à origem local, o grau de escolarização e todos os demais traços de caracterização inicial das informantes. Os pontos de chegada da análise carioca assemelham-se bastante aos evidenciados na análise do caso de São Paulo. - Sem uma rigorosa e detalhada comparação verificaram-se concordância entre os principais pontos de ambas as análises. Isto quer dizer que a hipótese de se encontrar maior adaptação da Religiosa ao mundo do trabalho, dadas à industrialização e urbanização mais intensa desta capital, não se sustenta.

Quanto a este problema encontram-se explicações no já citado trabalho de Eva Alterman Blay. Ao tratar do trabalho feminino, numa economia desenvolvida a autora salienta a necessidade de se indagar quais foram as transformações que a técnica e a economia trouxeram nos países desenvolvidos, à posição social ocupada e atribuída à mulher, antes de se aceitar como verdadeiras as ideias de que as posições tradicionais ocupadas por ela foram mecanicamente substituídas por outras mais "evoluidas", à medida em que se intensificaram a industrialização e a urbanização. Aponta, então a autora, os exemplos de França e Inglaterra. No primeiro caso, segunda pesquisa do Instituto Nacional de Estudos Demográficos, 60% dos homens e das mulheres casadas consideram que a mulher sem filhos deve exercer uma atividade profissional, enquanto quase a unanimidade das pessoas casadas acha que a mãe com vários filhos pequenos devem ficar em casa e 72% dizem que a mãe deve pertencer à casa mesmo quando os filhos atingiram a idade escolar. Na Inglaterra, apesar

da acentuada expansão do mercado de trabalho, a participação da mulher casada corresponde a 50% do contingente feminino ativo, o qual constitui 31% da força do trabalho nacional. No entanto, verificou-se que muitas pessoas consideram a tendência do trabalho extra-lar não só surpreendente como condável e a referência do público liga continuamente a delinquência infantil com as mães que trabalham, segundo observação de Pearl Jephcott citadas pela referida autora.

Aceitando-se o dado de que só a maior intensidade de industrialização e urbanização de São Paulo não produziram maior adaptação das Religiosas ao mundo do trabalho, aceita-se também como explicação para o fato, a oposição causada pelas imagens da profissionalização tanto para a Religiosa como para a mulher em geral.

No entanto, dada a constituição da amostra, impregnada de elementos que a caracterizam como um grupo de acentuado tradicionalismo, pela sua origem provinciana e de pouca elevação sócio cultural, pode-se acreditar que as dificuldades a superar na profissionalização sejam ainda maiores do que se o grupo fosse integrado por elementos de condição sócio-econômica mais elevada e com mais alta escolarização. Os elementos destas camadas, pela própria caracterização geral são mais capazes de perceber o quadro geral da sociedade em que a profissão ocupa um lugar cada vez mais importante. Neste sentido as pesquisas de Chombart de Lauwe mostram que tanto na França como em Marrocos é nos meios de nível médio e não nos de nível inferior que o trabalho feminino é visto de um modo menos tradicional (25). Co isso pode-se levantar a hipótese de se encontrar maior adaptação da Religiosa ao mundo do trabalho, num grupo em que o nível sócio-econômico seja mais elevado. Aliás é o que parece estar acontecendo com determinadas Con-

gregações, tomadas isoladamente, em que o recrutamento de candidatas selecionou com maiores exigências o "material humano" que agora compõe seus quadros.

Como se desprende das reflexões acima, o problema da Religiosa na sociedade tem um duplo aspecto: o de ser Religiosa e o de ser mulher. É por isso que, qualquer análise sociológica do que diz respeito a Religiosa precisa levar em consideração a problemática mais ampla que a envolve, isto é, o da sociedade global onde se insere o papel feminino. O problema da profissão para a Religiosa só poderá ser definido a partir da definição do papel que ela realmente ocupa na sociedade. Haverá uma revisão deste papel no momento presente? Cabe à reflexão sócio-religiosa uma resposta. De qualquer maneira será oportuno recordar aqui as palavras da Irmã Maria Angélica Seng, OSF, professora no Departamento de Sociologia de Alvernia High School (Chicago): "Hoje estamos evidenciando uma urbanização e uma rápida e contínua mudança. O fato da rápida transformação social é uma das mais significativas considerações na discussão do papel da Religiosa no mundo moderno. Nossa resposta à contínua mudança deve ser a de uma contínua experimentação e criatividade. Portanto, devemos construir uma estrutura na vida religiosa que favoreça a experiência e a mudança. A mulher religiosa deve ser adaptável, corajosa, criativa" (26).

A grande dificuldade subjacente nesta palavras é o ter a Religiosa que se adaptar às novas condições e ao mesmo tempo continuar a ser Religiosa com tudo que especifica e distingue seu papel na sociedade de hoje.

- (1) Felix M. Keesing, Antropologia cultural, Rio de Janeiro, Ed. Fundo de Cultura, 1961.
- (2) Ruth Landes, A cidade das mulheres, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1967
- (3) Veja-se por exemplo, a vasta bibliografia sobre o assunto, Bibliographie sur le travail des femmes (1861-1965), Genève, Bureau International du travail, 1970
- (4) Olive Screiner, Woman and Labour, London, T. Fischer Uwin, 1911.
- (5) Viola Klein, El caracter femenino, Buenos Aires, Paidós, 1965.
- (6) Paul Henry Chombart de Lauwe, Imagem da mulher na sociedade, São Paulo, Senzala, 1967.
- (7) Maria del Carmen Elu de Lenero, Hacia donde va la mujer mexicana? México, Instituto Mexicano de Estudios Sociales, A.C., 1969
- (8) Fernando de Azevedo, Princípios de Sociologia, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1973.
- (9) Lívio de Castro, A mulher e a sociogenia, Rio de Janeiro, Francisco Alves, sem data.
- (10) Lívio de Castro, op. cit., pags. 286-287.
- (11) As cinco comunicações apresentadas neste Simpósio estão publicadas em Cadernos, nº 6, 1973, São Paulo Centro de Estudos Rurais e Urbanos.
- (12) Foi adotada como definição de profissão o conceito de Max Weber: "Entende-se por profissão a peculiar especificação, especialização e coordenação que mostram os serviços prestados por uma pessoa, fundamento para a mesma de uma probabilidade duradoura de subsistência ou de ganhos", Economia y Sociedad, México Fondo de Cultura Económica, 1969, pag.111
- (13) A Igreja na atual transformação da América Latina à Luz do Concílio, conclusões de Medellin, Petrópolis, Editora Vozes Ltda., 1969.
- (14) Leda Maria Pereira Rodrigues, A instrução feminina em São Paulo, São Paulo, Faculdade Sedes Sapientiae, 1962.
- (15) L. Bouyer e outros, A pobreza e a religiosa hoje, São Paulo, Edições Paulinas, 1968.
- (16) Sebastiana Brito, As pequenas comunidades de Religiosos (as), Rio de Janeiro, CRE, 1971 (mimeografado)
- (17) Consolidação das Leis do Trabalho, São Paulo, Sugestões Literárias, 1970.
- (18) Variações no Direito Canonico dos Religiosos, SEDOC 3, Petrópolis, Vozes Ltda., Outubro, 1970 nº 29.
- (19) Eva Alterman Elay, Mulher, Escola Profissão, tese de mestrado na U.S.P., São Paulo, 1969 (mimeografado)
- (20) Mamel Tosta Berlinck, Algumas percepções sobre a mudança do papel ocupacional da mulher na cidade de São Paulo tese de mestrado na FESPSP, São

- Paulo, 1964 (mimeografado)
- (21) Mamel Tosta Berlinck, op. cit.
 - (22) Maria del Carmen Elu de Lenero, op. cit.
 - (23) Mamel Tosta Berlinck, op. cit.
 - (24) Viola Klein, op. cit.
 - (25) Paul Henry Chombart de Lauwe, op. cit.
 - (26) Sister Maria Angelica Seng, "The sister in the new city", in The changing sister, ed. Muckenhirn, Sister Chrales Borromeo, Notre Dame, Indiana, Fides Publisher, Inc. 1966